



Epistemologia e Metafísica nos manuscritos de Ferdinand de Saussure

Waldir Beividas *

Resenha de: Herman Parret - *Le Son et l'Oreille. Six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard.* Limoges: Lambert-Lucas, 2014. 158 páginas.

No primeiro semestre deste ano de 2014 surgiu no cenário linguístico o importante e singular livro de Herman Parret, intitulado *O Som e o Ouvido. Seis ensaios sobre os manuscritos saussurianos de Harvard*. Filósofo renomado, professor emérito do Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, tem publicação numerosa nas áreas de pragmática linguística e filosofia da linguagem, semiótica teórica e visual, epistemologia da linguística e da semiótica, estética filosófica e teoria da arte [<http://www.hermanparret.be/>].

Herman Parret teve ciência dos manuscritos saussurianos desde inícios da década dos anos 1970, arquivados na biblioteca Houghton, seção de manuscritos e livros preciosos da Widener Library, na Universidade de Harvard, manuscritos que lhe foram mostrados por ninguém menos do que o eminente linguista Roman Jakobson. Foram comprados de Raymond de Saussure, filho de Ferdinand de Saussure, no ano de 1967, pela intermediação do próprio Jakobson que efetuou deles uma primeira classificação. Guardados num cofre, os manuscritos compõem nove pastas de diferentes tamanhos contendo ao todo perto de 1000 páginas. Apenas em 1992 Herman Parret teve ocasião de estudá-las meticulosa e sistematicamente.

O presente livro traz, em seu segundo capítulo, a transcrição de toda a parte dos manuscritos de Harvard concernentes à *concepção global de linguagem* de Ferdinand de Saussure e a seus estudos sobre o *mito hindu*. Os demais capítulos apresentam as reflexões de Herman Parret, decorrentes de estudos minuciosos de tais manuscritos, reflexões que testemunham a completa «reviravolta» sobre a concepção da linguística saussuriana que o autor confessa ter tido no estudo das quase mil páginas saussurianas de Harvard, bem como dos demais manuscritos de Genebra, descobertos em 1996, e publicados por Rudolf Engler com Simon Bouquet em 2002 sob o título *Escritos de Linguística Geral*, já traduzidos para o português.

Ao longo dos seis ensaios, o leitor verá um filósofo apaixonado pelo Saussure que descobre nos manuscritos, fascinado pelas ruelas «metafísicas» do pensamento do linguista de Genebra, proporcionando leituras fortemente criativas sobre tal pensamento. Terá o leitor dos ensaios a ocasião de se instruir melhor e vastamente sobre um pensamento pouco conhecido, pouco estudado, do mestre linguístico, pensa-

mento de grande beleza e profundidade, em acréscimo ao Saussure tornado clássico pela edição do *Curso*; terá ainda o leitor a oportunidade de entrar nos meandros das hipóteses e proposições do filósofo da linguagem, que é Herman Parret, encantado de início ao fim pelas «perspectivas insuportavelmente fascinantes» que vê nas reflexões do «filósofo da linguística», que lhe é Ferdinand de Saussure.

1. Com efeito, depois de um pequeno prefácio (p. 9-12), em que situa o conjunto do livro, o primeiro capítulo, intitulado «O fundamento impensável da teoria linguística saussuriana» (p. 13-20), logo nos apresenta a verve filosófica de H. Parret a protestar contra a tendência dos anos 1950 e 1960 em «petrificar» o pensamento de Saussure sobre a linguagem, numa leitura que já havia denunciado como «canônica e superficial» desde o prefácio. Tal leitura levava em conta apenas o assento *epistemológico* em que só alguns teoremas do pensador suíço eram levados em conta a partir do texto estabelecido do *Curso de Linguística Geral*, mesmo a despeito de já estarem disponíveis algumas *Fontes manuscritas do Curso de Linguística Geral*, editadas por Robert Godel, em 1957. Tal leitura canônica do *Curso* viria, aos poucos, a ser superada quase já no limiar dos anos 1970 até os dias de hoje, incorporados que foram no campo novos manuscritos saussurianos, descobertos em 1996 na *orangerie* do hotel genebrino da família de Saussure, acima já mencionado. Sob novos olhares de vários linguistas, numerosos deles citados nominalmente ao longo dos capítulos, num diálogo de refinados especialistas, as reflexões proporcionaram desde então um Saussure «mais enigmático, mais inquietante, mais rico em perspectivas», um Saussure que revela na materialidade de sua escrita hesitações, interrupções, denegações, contradições. Ao ver de H. Parret, isso mostra o ritmo de um «pensamento aberto»; torna evidente no pensamento do suíço a região de um *impensável*, de uma «certa mística», o interesse por um «aquém», um «além», um «para fora», enfim, um pensamento com o toque de «origem indizível». O conjunto dos manuscritos, de Genebra a Harvard, revela um novo Saussure, para Parret, revela-lhe um *filósofo da linguística*, cuja imaginação e pensamento se enraíza numa «metafísica» que o próprio mestre «não controla conceitualmente» mas que deixa evidente ser ela que «domina, dirige, modela um saber» o qual, ainda assim, insiste obstinada-

* FFLCH-USP/CNPQ. Endereço para correspondência: (waldirbeividas@gmail.com).

mente em se apresentar como positivo, evidente, galileano e claro, mesmo a despeito da «obscuridade desesperante do objeto» .

Com esses preâmbulos, H. Parret propõe-se explorar a «filosofia da linguagem» de Saussure, no próprio ambiente de tensão «dinâmica» dos manuscritos, tensão que agrega cortes de reflexão, desdobramentos deiscetes, e que aponta para duas regiões do impensável: a dos *indefiníveis* e a da *qualidade sensível, a matéria, o corpo*. Para subsidiar a primeira região, faz questão de enfatizar, seguindo nesse passo indicações dos editores dos *Escritos*, os três campos de cobertura do pensamento do genebrino: uma «epistemologia geral», uma «especulação filosófica» e uma «epistemologia programática ou prospectiva». Isso o faz assegurar em Saussure não propriamente ou apenas o autor de uma «linguística geral», mas, antes, o pensador de uma *filosofia da linguística*; o faz assegurar que o mestre qualifica de filosóficas suas reflexões sobre a linguagem, que não evita a expressão filosofia da linguística nem mesmo filosofia da linguagem; basta notar, segundo Parret, as abundantes notas dos estudantes, mormente no terceiro *Curso*, bem como nos *Escritos*.

Filósofo da linguagem que é de formação, notoriamente de profundo interesse pela linguística geral, é natural ver que Parret privilegia a senda das «especulações filosóficas» do pensamento de Saussure, nas quais encontra a frequência de uma «coloração metafísica», mesmo que por vezes a escrita explícita do linguista suíço denegue isso e se presuma fazer completa abstração da metafísica. É que, segundo Parret, «não há epistemologia sem metafísica», amálgama proposto por Simon Bouquet e endossado por ele. O que quer isso dizer? Que a «aposta epistemológica» de Saussure vem acompanhada pelo cunho metafísico no que tange à problematização dos *conceitos primitivos*? língua, signo, pensamento, linguagem, ideia, valor, arbitrário...? os quais se apresentam como um «feixe de indefiníveis», única maneira de tornar possível a construção de uma teoria. Noutros termos, revela-se nesses indefiníveis o «estrato metafísico» a partir do qual emerge a «estratégia epistemológica» que, em seguida, vai montar o edifício das «proposições científicas». Eis, portanto, o tripé consecutivo do pensamento de F. de Saussure.

A segunda região do *impensável* saussuriano, H. Parret pretende expô-la a partir de uma sequência gradual, uma gradação na metafísica de Saussure, em três estágios: (i) a reflexão de Saussure sobre o funcionamento do mecanismo da língua; (ii) sobre o *som* e a *voz*, a *qualidade* e a *matéria*, a *temporalidade* e o *subliminal*; (iii) sobre o *corpo*, o «impensável radical» em Saussure. A exposição do autor sobre essa gradualidade metafísica move e mesmo comove a leitura, pela força passional e pela poética filosófica com que a conduz, tal o empenho em mostrar um pensamento atravessado pela tensão entre a «fascinação metafísica» de um Saussure até mesmo «angustiado» perante o corpo, como impensável, e a retomada do controle, comedimento e compostura, na epistemologia do cientista. O Corpo permanecerá então como «o impensável em toda sua radicalidade», expulso e irrecuperável, como se fora esse o preço do «triunfo do Método» da ciência a porvir, «ciência que suas angústias metafísicas condenam a jamais sê-lo» .

2. No segundo capítulo dos seis ensaios, sob o título «Os manuscritos saussurianos de Harvard» (p. 21-55), H. Par-

ret retoma em parte a publicação que tivera divulgado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, em 1993. Desta feita, concentra sua atenção apenas nos fragmentos que exibem (i) a *concepção global da linguagem* e (ii) vários estudos saussurianos sobre o *mito hindu*. No primeiro quesito, uma pequena sequência dos manuscritos está dedicada a *conceitos linguísticos*, com alguns parágrafos sobre a *realidade do fato linguístico* e um parágrafo sobre a *gramática*. Os fragmentos mais extensos tematizam questões atinentes à *Fonética*. São fragmentos recuperados de um total de 177 páginas que aticam a curiosidade da leitura, pela gama de núcleos de forte interesse: reflexões sobre a delimitação metodológica do domínio da fonética, sobre uma teoria do fonema que envolva o som, sua forma e sua substância, a combinação dos fonemas na fala, a fisiologia e física do som, a importância da voz, a intenção e vontade no ato de produção fonética, o tempo do som, a teoria da sílaba. Reflexões sobre a *Fonética* saussuriana, preciosas e originais perante a época, retornarão ao longo do capítulo terceiro (cf. abaixo).

A parte que recupera os manuscritos de Saussure sobre o *mito hindu* revela a elasticidade de interesses disciplinares do linguista de Genebra. Ocupando mais de uma vintena de páginas do capítulo, H. Parret apresenta o forte conhecimento de Saussure sobre a Índia – não obstante a modéstia confessada – sua história e cronologia, o pensamento hindu, a teosofia que lhe subjaz, a essência desse pensamento tão distante e desconhecido da Europa de seu tempo, o conceito de *karma*, de *eu* (*moi*, cf. logo adiante), vastos comentários sobre o *Veda*, até mesmo comentários sobre mitos e lendas hinduístas como o *Valmiki*, o *Cunacepa*.

3. Por sua vez, o ensaio inserido como terceiro capítulo, «Reflexões saussurianas sobre o tempo e o eu» (p. 57-92), poderia muito bem figurar, antes, como reflexões do filósofo H. Parret sobre o tempo e o eu, a *partir* das reflexões do linguista, tal a força sugestiva e as proposições originais de sua lavra para o que vê diante dos olhos: a verdadeira «mina de ouro» que lhe representam os manuscritos de Harvard. Depois de algumas páginas, num primeiro item, em que re-situa os manuscritos com mais detalhes do que o fizera no capítulo anterior – trazendo à baila, em numerosas notas de rodapé, o diálogo reflexivo e complementaridades informativas sobre eles com eminentes autores como R. Jakobson, E. Benveniste, R. Engler, R. Amacker, entre outros – depois disso, H. Parret prepara, à guisa de «prolegômenos», qual Saussure privilegiar nas suas proposições: (i) aquele «homem de fundamento» – expressão que empresta de Benveniste – pensador de «gesto democritiano», «gesto construtivista» que, em suas próprias palavras, quando escreve seu famoso *Mémoire*, considera obrigatório «captar os fenômenos em seu interior»?; Saussure que instaura o «ponto de vista» como precedente e mesmo criador do objeto?; (ii) ou aquele que hesita e se inquieta perante o método democritiano quando se vê diante dos anagramas, da análise dos textos poéticos ou míticos, diante da criação e criatividade desses textos?

O capítulo parece se desenhar como dois caminhos que levam do primeiro ao segundo Saussure acima, ambos trilhados com a fecundidade da reflexão filosófica de H. Parret, em que ficam ressaltadas e valoradas teorizações inestimáveis do linguista pioneiro em suas concepções de *Fonética*, de *Tempo*, de *Eu*. Quanto à *Fonética*, H. Parret evidencia bem a originalidade do linguista: trata-se de uma *fonética semioló-*

gica, amálgama à primeira vista paradoxal, dada a evolução dessa disciplina à margem das reflexões saussurianas dos manuscritos. Como pode ser «semiológica» uma disciplina da pura «substância sonora»? A resposta saussuriana vem em pepitas de ouro, embora então ainda por lapidar: é que a sua fonética exige o primado de uma *equivalência semiológica*. A oposição pertinente aqui não é som *vs.* ideia, mas o que se opõe ao puro som material é, antes, o «som-ideia». É o som-ideia o único a ter pertinência em sua fonética semiológica. O *Ouvido* – que será amplamente comentado e refletido por H. Parret na sequência do capítulo – não capta o som na sua frequência material, apenas o capta na sua pertinência incorpórea, distintiva, enquanto som-ideia. Não se trata, portanto, de um ouvido fisiológico, mas de um ouvido semiológico, «que capta as saliências» sim, mas que só pode *decidir* «as semelhanças, identidades e diferenças das percepções», expressão da letra dos próprios manuscritos de Harvard. Em suma, uma fonética articulatória ou uma fonética acústica, constituídas após Saussure, quase à margem e à revelia do plano do significado do signo, o linguista já demonstrava a sua inutilidade, caso não fosse aí cravado, como espécie de pedra angular, a «equivalência semiológica» como condição.

Com as novidades desse primeiro caminho, H. Parret adentra o pensamento saussuriano dos manuscritos sobre a «física do tempo-esfera», em que a função do «ouvido e seu contexto» desenha os contornos de sua fonética semiológica. O arguto linguista se vê às voltas em distinguir o «tempo de identidade do fenômeno físico» do «tempo de identidade da sensação acústica» e ainda do «tempo de identidade fisiológica»; discute um «tempo aferente» ou «tempo de sensação», ao lado do «tempo linear», mesmo que, no caso dos manuscritos, não se discuta o «Tempo fator», aquele da história e diacronia da língua. Toda essa riqueza de proposições saussurianas leva o ensaísta a sugerir e propor novas expressões, um *Tempo ambiente*, ou *Tempo esfera*, um *Tempo do ouvido* que envolve a captação das semelhanças e diferenças *na sua ambiência*, isto é, no contexto físico. Tudo a comprovar sua impressão – e a impressão de outro linguista, também especialista em Saussure (Michel Arrivé) – de que as reflexões do mestre sobre o Tempo jamais são marginais ou periféricas, mas que constituem «verdadeira obsessão».

O capítulo prossegue, no segundo caminho, por uma quinzena de páginas de notáveis argumentações e proposições sobre o pensamento de Saussure quanto ao conceito de «eu-sono» (*Moi-sommeil*): a «carreira do eu-sono». É onde com a maestria do filósofo metafísico, até mesmo com audácia e atrevimento, H. Parret instila qual seria o estatuto desse *Ouvido*, não o órgão que escuta a matéria fisiológica do som, mas o «analista contextualizador» que capta o físico-acústico, observada a «equivalência semiológica». Esse *Ouvido*, que não é objeto (órgão fisiológico) nem sujeito (o espírito dotado de estados mentais), é difícil ser ele pensado pelo «Grande Dicotomizador» que é Saussure. Pois ele se revela a H. Parret como um *Terceiro* que só pode ser instilado gota a gota, por aproximações, nesse pensamento dual, a resvalar muitas vezes no paradoxo; um *Terceiro* «preso» (*coincé*) entre a língua e a fala. Impossível resumir em algumas linhas a pujança dos desenvolvimentos de H. Parret para pensar o *Analista Contextualizador* que é o *Ouvido*. O leitor fica convidado a ler atentamente o item intitulado «uma vontade indiretamente voluntária» em que o filósofo de Louvain se move numa série

de fragmentos dos manuscritos em meio a dados de um «mistério quase hermético» sobre a «intenção» e a «vontade». Ao cabo da exploração garimpada dos argumentos saussurianos, dispostos em duas séries, H. Parret finalmente, e finalmente, propõe o estatuto desse *Ouvido*: um *Sujeito Lógico*. Não o sujeito enunciante, produtor do discurso, nem o sujeito psicológico, exterior à linguagem, nem mesmo sujeito coletivo, comunitário ou social, enfim, não se trata tampouco de nenhum sujeito «transcendental», não-empírico, como se fora pura condição de possibilidade. Trata-se isso sim de um *sujeito lógico*, no sentido de que faz as vezes de uma «regra objetiva metaempírica», posto que figura como o Princípio mesmo da fonética semiológica de Saussure.

H. Parret reconhece claramente que não é assim que o Mestre «dicotomizador» pensa explicitamente, justamente por não dispor de uma epistemologia que abarque o estatuto do *Terceiro*. Mas é com esse entendimento, melhor dito, é com essas «perspectivas insuportavelmente fascinantes» que Saussure lhe propicia a busca em direção a seu *Sujeito Lógico*. O filósofo se move aqui com ferramentas de poeta para finalizar o capítulo. Aproxima seu sujeito lógico, a ponto de quase identificá-lo, ao «eu-sono» que o pensador suíço refletia a partir de estudos sobre a teosofia brahmânica, e cujo ápice se define no «sono sem sonhos». Ousando encontrar nesses estudos saussurianos uma «metodologia do esvaziamento» e no curso desse eu-sono uma «carreira de silêncios», eis como surgirá, apurado em enunciação poética, o estatuto do seu próprio *sujeito lógico*: «dessubjetivado, esvaziado de qualquer conteúdo, mesmo de qualquer sentido, Regra metaempírica, esse *Sujeito* é o *Silêncio*, enquanto Princípio do Som – silêncio de um sono sem sonhos, Regra de Ouro que governa o surgimento dessas milagrosas faíscas sonoras que fascinam o *Ouvido*».

4. «Metafísica saussuriana da voz e do ouvido» intitula o quarto ensaio do livro (p. 93-113). São quatro as seções do capítulo. Na primeira delas expõe e comenta *O lugar aforístico de verdade e sua metafísica liminar*. Atento às «inquietudes, escrúpulos e contradições» que a seu ver são abundantes nos manuscritos, aqui também incluídos os de Genebra, H. Parret persegue não o linguista dos axiomas, dos princípios e das teses, tornado clássico pelas leituras do *Curso*, mas sim um «linguista-filósofo» ou um «filósofo da linguística», cujo pensamento grandemente imaginativo se enraíza em uma metafísica que ele próprio não controla conceitualmente. Ao linguista rigoroso, epistemólogo de consequência, teórico «democritiano», Parret contrapõe e valoriza o *imaginário saussuriano* naquilo que apresenta de «alado», um pensamento «mais enigmático, mais inquietante, mais rico em perspectiva». Mesmo que o linguista rigoroso expulse explicitamente do texto o território metafísico, para firmar-se no domínio epistemológico, mesmo assim o gesto «aforístico» de Saussure a introduzir delimitações, limites entre os quais se trata de encontrar a possível verdade, não impede que se deixe entrever a «metafísica liminar» do filósofo-Saussure.

Na segunda seção do capítulo, H. Parret tematiza o conceito do «ser vocal: do caráter ao elemento tácito» para examinar o gesto aforístico saussuriano delimitar-se entre a voz e o *ouvido*. É obrigado a reconhecer que em «centenas de afirmações» o linguista tudo faz para afastar de sua filosofia qualquer perspectiva de metafísica liminar. Com

efeito, se o ouvido «decide» sobre as semelhanças, identidades e diferenças dos sons, nada de concreto ou material pode contar: impõe-se a eliminação da voz, de seu caráter (físico), de sua «concretude estética», nos termos de Parret, e o que toma valor semiótico fica sendo, pois, o *elemento tácito*. A «voz qualitativa, temporalizada, ‘característica’, se cala para que o signitivo enquanto elemento tácito reine». Eliminam-se da fonética semiológica do linguista quaisquer qualificações mecânicas, fisiológicas, articulatórias, de modo a permanecer o que conta: as unidades da língua que só possam exibir uma «natureza incorpórea», tal como para qualquer «valor». O filósofo de Louvain absorve-o, não sem um fundo de lamentação e mesmo protesto: «sem corpo de início, sem matéria igualmente, a língua é imaterial, não investida do sensível, do perceptível, do tangível». Seus adjetivos atestam o protesto: «estratégia *eliminatória*, redução *drástica* do corpo e da matéria». Elenca até mesmo uma gama enorme de sinônimos saussurianos para o *ser vocal*, espalhados em «nebulosa» pelos manuscritos: imagem acústica, figura acústica, imagem verbal, imagem vocal, imagem auditiva, entre outros e, ao final... *significante*. Mas o que dá o estatuto mesmo de ser vocal não pode ser outro senão uma «vasta operação prévia de generalização», qual seja, seu desvestimento de qualquer traço material em vias da equivalência semiológica ou, em outros termos, da «operação de semiotização». Nas palavras do próprio mestre: «a Língua não tem consciência do som a não ser como signo». Esse o trajeto da redução de todo o «caráter» (concreto) ao «elemento tácito» (incorpóreo).

Admiti-lo não significa resignar-se a aí permanecer. Fazer calar a voz, apagar o impacto estético sobre o ouvido, corre o risco de levar o gesto aforístico a produzir seu «lugar de verdade» como se fora uma «catedral fantasmática». H. Parret vai procurar novas pistas para insistir que «a matéria e o corpo todavia não se deixam domesticar» tão facilmente. Tanto rigor e perseverância epistemológica do gesto saussuriano, às raias do «sobre-humano», não impede uma «atração da margem metafísica onde estão a matéria e o corpo». Para começar por uma *suave descida*, expressão que pinça num parágrafo de Saussure, intitula a terceira seção deste capítulo, metáfora de um caminho rumo abaixo, que vai-nos fazer descer, mais uma vez, à metafísica, à voz e ao ouvido. O filósofo leitor de Saussure recolhe dados, fragmentos de textos, comentários de seus pares sobre o «fato do oral», sobre o «fato vocal», notas saussurianas sobre a «sonoridade» em geral, para ressaltar que o linguista define o «fato fonético» pela *sensação auditiva*; que o «ser vocal» introduz o Tempo, que é uma «presença qualitativa». As argumentações lhe permitem sua perseguida «suave descida» para evidenciar que «a *Qualidade*, depois o *Tempo*, adentram o <lugar de verdade> saussuriano como outra marca da metafísica liminar da voz e do ouvido».

A quarta e última seção do capítulo – *A sanção da voz, o ouvido solicitado* – leva adiante o esforço de H. Parret em desenhar, a partir do «quase não-dito», do «quase indizível», a metafísica liminar em que o Tempo e a Qualidade reinam, transcendentemente, perturbando o aforisma saussuriano. Vai em busca de novas «ambivalências constitutivas» concernentes à voz e ao ouvido nos manuscritos tanto de Harvard quanto de Genebra. Percebe, por exemplo, um Saussure reconhecedor da escolha justamente da voz como

meio mais cômodo e eficaz de que os homens se sirvam para comunicarem-se, ao endossar essa formulação do linguista americano Whitney, num artigo de 1894. Por outro lado, se Saussure generaliza a «imagem acústica» a partir da «sensação», ele próprio acaba intercalando entre os dois uma «impressão acústica», uma sonoridade que «impressiona, solicita, o ouvido». Ao término dessa suave descida permite-se augurar: se o ouvido «analisa, decide, avalia, julga e, por que não, *aprecia* a solicitação da Voz», isso leva a ter de ajustar esse «lugar de verdade»: a língua, objeto de «uma epistemologia programática [que] não pode se emancipar dessa metafísica liminar na qual a *estesia sonora* da Voz, e sua *tonalidade*, impressiona o analista-hermeneuta que é o Ouvido».

5. O quinto capítulo toma o título de «A intimidade fugidia de Saussure: «a teoria da cadeia sonora é um estudo dos mais [...]». O «branco» entre chaves aparece em profusão nos manuscritos saussurianos, dando margem a inúmeras hipóteses e entendimentos dos mais variados matizes, entre os seus exegetas e estudiosos. O autor adentra essas hipóteses, adentra os brancos saussurianos para também propor as suas ilações. O capítulo encerra cinco seções. Na primeira é examinada a que para Parret é a *Profissão de fé* perante a *intimidade fugidia* – expressão que empresta de Claudine Normand – desse novo Saussure, cuja interioridade lhe parece de «incertezas» e de «inquietações», intimidade «que foge», «cuja racionalidade está eternamente em fuga, sem qualquer esperança de completude e acabamento». Assim, percorre as várias hipóteses de seus colegas sobre os brancos de Saussure: para alguns, ela traduz a pressa, o esboço, o invencível desejo da precisão; para outros, marcas de inquietação, de insatisfação, ao lado de acréscimos; para terceiros, saltos para o insuspeitado, temor perante a própria pressa, pensamento que se interrompe por não ter atingido sua enunciação completa; enfim, pavor de derivar no erro. Elege a que lhe parece melhor para introduzir sua leitura «desconstrutiva» a partir de tais brancos: segue a hipótese de Claudine Normand, notável especialista em Saussure, recentemente falecida, de que eles revelam a impossibilidade de «cassar da reflexão teórica o som da voz, o gesto da mão, a presença insistente do corpo». No movimento de sua leitura tenta desconstruir a «profissão de fé em matéria linguística» de Saussure, sua obstinação em manter-se no rumo epistemológico do Método (galileano), método inquebrantável, o que leva H. Parret a apoiar expressão, a seu ver «evocadora», de Simon Bouquet, ao dizer que a ciência linguística sofreria de um «mal de epistemologia»: considera os objetos linguísticos como *seres de razão*, desvestidos da substância dos sons, da estesia da voz, método que renega – numa só expressão sintética criada por Parret – a presença do «corpo-feito-voz» (*corps-fait-voix*). Esse o núcleo das «inquietações» do próprio filósofo Herman Parret.

A segunda seção procura levar adiante a tarefa da desconstrução, intitulando-a «O inacabamento da doutrina saussuriana: <é antilinguístico levar em conta sons furtivos>». A citação colocada sob foco incide sobre o descarte dos sons furtivos por Saussure. A formulação saussuriana advém de que o «sentimento da língua» pelo falante o faz mover um ouvido que *decide* apenas as semelhanças, as identidades e as diferenças – os sons-ideias da língua – e não lhe é pertinente tudo o mais que adentra substancialmente,

furtivamente, nos entremeios da fala. Ou seja, tal eliminação é decorrente da filtragem desses sons furtivos pela «coerção psíquica» (o sentimento da língua) acopladas à «coerção semiótica» (ou equivalência semiológica, cf. atrás). A leitura atenta e desconstrutiva de Herman Parret visa mostrar que tal eliminação não se sustenta inteiramente; na verdade revela, ao contrário, sua «fragilidade» e, portanto, um «inacabamento» da doutrina saussuriana, justamente porque o julgamento das «semelhanças» pelo ouvido faz pressupor que ele é «receptivo e criador», ou seja, «julga a materialidade do som com sensibilidade».

Na terceira seção propõe-se à «Organização incoativa de uma floresta terminológica» tamanha é a abundância de termos usados por Saussure para sua teoria da *cadeia sonora*: imagem acústica, figura vocal, impressão acústica, forma sonora... Acrescenta ainda no exame do «labirinto terminológico» de Saussure o incômodo par «concreto vs. abstrato» para, nesta floresta intrincada, entrever pouco a pouco qualquer pista que possa resgatar ou recuperar a materialidade, o concreto, a voz, renegados pelas formulações explícitas do mestre, qualquer pista que de certo modo tenda a minar o excessivo «procedimento de abstração» e de «generalização» do Método.

A estratégia desconstrutiva prossegue na quarta seção, em que H. Parret denuncia «A renegação do corpo-feito-voz». Através de alguns trechos saussurianos encontra razões para mostrar que a exclusão da voz pesa por demais perante a «estética da comunicação, em que a voz qualitativa, em suas nuances, tons e timbres, proporciona tanta riqueza e densidade às interações entre sujeitos falantes». E nota que Saussure «não fecha radicalmente as portas». Encontra na *teoria da sílaba* a ocasião para isso, quando vê o mestre evocar uma «tripla sanção da voz, do fôlego e da articulação» para a existência da sílaba. Encontra lastro para pleitear que seja essencialmente «a vocalidade do som que provoca o <julgamento do Ouvido>» de que fala o mestre. Tenta resgatar com isso a *corporeidade da voz*. Denuncia então o radicalismo da epistemologia «racional» de Saussure no que ela acaba por marginalizar a experiência sensorial e corporal. Então os «brancos» de Saussure, na sua teoria da cadeia sonora, outra coisa não revelam senão o «recalcamento do corpo-feito-voz»; noutros termos, brancos «estratégicos» que fazem tocar no «buraco negro» da teoria da cadeia sonora do mestre.

A seção cinco finaliza a leitura desconstrutiva, bem entendido, não no interesse da crítica destrutiva ou mordaz mas no pleito de um alargamento edificante da linguística saussuriana. Se na retidão do Método epistemológico do linguista não há lugar teórico para o sensível, no entanto, de revés, a sua «intimidade fugidia», escondida e revelada na «força misteriosa» dos «brancos», acaba deixando despontar algum lugar para a materialidade do som e a corporeidade da voz. A busca do autor mostra a que veio: abordar o texto saussuriano, ficar o mais próximo dele, para «desconstruir a *doxa* e dismantelar, ao menos parcialmente, a pretensão do Método».

6. Último capítulo, o sexto ensaio apresenta «As grandezas negativas: de Kant a Saussure». Conhecedor profundo que é do filósofo alemão das famosas «Críticas», H. Parret se debruça, no entanto, sobre um texto do período «pré-crítico» do filósofo, intitulado *Ensaio para introduzir em filosofia o*

conceito de grandezas negativas (1763). Fazendo abstração de várias problemáticas aí envolvidas, a intenção é apenas concentrar-se no conceito de «grandezas negativas». O objetivo é mostrar que as posições kantianas encontram ecos em alguns dos textos saussurianos, sobretudo nas reflexões sobre *A essência dupla da linguagem*, publicadas nos *Escritos*, bem como em alguns fragmentos «enigmáticos» dos manuscritos de Harvard.

Com reflexão de interface entre filosofia e lógica matemática, e aproveitando desta o conceito de grandezas negativas, Kant não rejeita a matemática, mas mantém-na à distância, propondo diferenciar uma *oposição lógica* de uma *oposição real*. A primeira não interessa aqui, apenas a segunda, que lhe servirá para mostrar que a negação, na medida em que é consequência de uma oposição real, será chamada *privativa*: os termos se opõem mas um não apaga o outro, ambos apresentam sua «positividade», ambas são «afirmativas». Exemplos: atração vs. repulsão, prazer vs. desprazer, desejo vs. aversão, amor vs. ódio, belo vs. feio. Assim, por esse ensinamento kantiano, bem observado por H. Parret, o desprazer não pode ser visto como «falta de prazer», mas como um «princípio positivo» que *suprime* em parte o prazer. Portanto, os pares acima não são «contraditórios», são grandezas positivas e afirmativas. Enfim, para outro exemplo kantiano, o vício não é «falta» de virtude mas sim uma virtude «suprimida», em que há uma «privação», portanto constituem entre si uma oposição real e não uma «oposição defectiva» (da lógica-matemática), de falta.

Aplicada a reflexão kantiana aos manuscritos saussurianos, Parret nota na sequência que os domínios abarcados por Kant são organizados essencialmente como «sistemas de oposições». Ora, por mais que o estruturalismo em geral, semiótica greimasiana aí inclusa, tenha se construído na centralidade das oposições, não percebeu nem reconheceu a dívida com Kant. É por isso que não hesita em dizer que «a última palavra sobre as bases filosóficas da semiótica estrutural não foi ainda formulada». No que toca diretamente a Saussure, observa que na concepção do linguista a negatividade vem sempre ligada ao conceito de *diferença* e de *oposição negativa*. Mesmo que a noção kantiana de «grandezas negativas» tenha alcance «bem mais restrito» do que a «oposição diferencial», bem entendido no Saussure clássico, Parret procura e cita várias passagens dos manuscritos, que chama do «Saussure *off off*», as quais lhe permitem acenar que este Saussure seria suscetível de ser transformado «em verdadeiro kantiano». Não dá o veredito final, limita-se a deixar em aberto a questão: «É Saussure kantiano? Está Saussure em busca de Kant, sem jamais encontrá-lo?»

7. Como se pôde notar – ao menos é o que posso assegurar como intenção – as linhas acima tentaram a ousadia de ilustrar em pinceladas a paixão de um filósofo da linguagem pelo pensamento de outro filósofo-linguista, ambos envolvidos na mais funda reflexão sobre esse *théâtre d'éclatants phénomènes* (teatro de fenômenos fulgurantes, *Ecrits*: 281), que é a língua, expressão magnífica do criador da linguística contemporânea, seja esta tomada em continuidade, em paralelo ou em contraposição a Saussure. Apenas ponta do novelo, o leitor poderá prosseguir na aventura de desfiar integralmente a fecundidade das reflexões emanadas dos seis ensaios de Herman Parret sobre os manuscritos saussurianos. Aprenderá muito sobre o Saussure pouco

conhecido, mormente porque toda a pesquisa apresentada também dialoga diretamente com os mais competentes estudos sobre o Saussure *fora* do *Curso*, por outros eminentes linguistas, diálogo constante do início ao fim dos ensaios,

sobretudo nas notas de rodapé, numerosas, bem como na profusa bibliografia aí referenciada. ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Beividas, Waldir

Épistémologie et métaphysique dans les manuscrits de Ferdinand de Saussure.

Estudos Semióticos, vol. 10, n. 1 (2014)

ISSN 1980-4016

Como citar esta resenha

Beividas, Waldir. Epistemologia e Metafísica nos manuscritos de Ferdinand de Saussure. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 10, Número 1, São Paulo, Julho de 2014, p. 119-124. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 29/novembro/2013

Data de sua aprovação: 10/março/2014
